

Demá

Emergida na poeira que corre pelo Lamarão, Silvana embriaga por uma sorte inimaginável de soturnas lembranças enquanto tenta contemplar a paisagem exposta entre a Aldeia de cima e a Aldeia de baixo, sob uma competitividade histórica que construiu a marginalidade genealógica de Unaí e Paracatu, em meio ao sangue vertido de fugidos homens escravizados embatumados por uma nada sincrônica e nada sutil miscigenação labutada ao som dos gritos do inferno dantesco animalesco, subjugando os orixás e as forças da natureza, e lombos. e foi o lombo ancestral desobstruído de sobriedade e paz, envolto ao sol escaldante do cerrado, que Silvana, agora uma jovem mulher da cidade investiga seu passado, e reflete na vermelha e empoeirada estrada o motivo da revolta. é um cenário de incertezas permeado por gritos de pássaros pretos ameaçando pousar-lhes na frente e arrancar com mínimo de perícia os olhos, e devorados os olhos, a mortuária prosa começa logo cedo, sem alma, sem afago. para a moça da cidade, é um grande desafio voltar a sua atenção, agora centrada nas coisas do curso de Direito em Brasília, naquilo que tanto lhe doeu, naquilo que tanto que lhe dói. Assim, ela questiona os motivos que fizeram com o que o irmão mais velho não a buscasse no ponto, mesmo estando há meses sem os visitar, tivera que pegar com Juraci e sua esposa, Liette, vizinhos quase de porta e padrinhos de seu irmão. o trajeto, empoeirado, carmesim, como se o sangue dos antepassados agora submergissem em forma de pó, em forma de uma dançante fumaça que salpica o verde na estrada, ligeiramente trôpega, faz a jovem filha e pródiga aos olhos do pai, questionar uma série de coisas, inclusive tramitar receios não resolvidos com a família. o velho Carmo, o pai, queria que a garota se casasse com o filho do compadre, mas, obviamente, ela pretendeu estudar Direito, e ainda por cima mudando-se para Brasília. Ela também pensa nos dois irmãos menores, de sete e cinco anos. nesse caos, o irmão mais velho, Demá, tristemente se arregimenta do julgo cansado herdado do pai, alimentando a dureza de sua cerviz, a falta de suavidade de sua frente, um enorme lamento para sua irmã mais nova, a moça da cidade, que via naquela figura caipira, máscula e empedrada, a fórmula nada equivalente a um serzinho tão gentil quanto talentoso, um poeta de classe, um poeta camponês nada hipócrita, um poeta que dominava a letra, a viola e os sons mágicos do cerrado, do poente e do nascente, uma verdadeira entidade mística do mato. o pai, por sua vez, sempre foi avesso a isso, preferindo que o primogênito dominasse, ao invés do poder da prosa, o laço do cavalo, e que sua única arte fosse manusear com

destreza as tetas das vacas. e nesse limbo, ainda resiste a mulher do pai, que, a saber, não é mãe de Demá, mas é ela que lhe serve de consolo diante da dureza de Carmo. o carro de Juraci estaciona na porteira da pequena propriedade e os irmãos menores, que pareciam estar postos a recepcionar a irmã, vão aos pulos, pouco trajados, Bia, de sete anos, com um vestidinho de chita, cabelo de picumã esganado versado por um elástico de pano rugoso e rosa bem forte, corre, cegamente no sol de fim de tarde, com os olhos trancados, sorriso eufórico, corpo sujo de barro por suas próprias mãozinhas produzido e os pés empanados na poeira vermelha... Ivan, o rapazote, de cinco, vestindo apenas uma camisetinha levemente apertada e uma cueca timidamente transtornada na parte trás graças ao frequente uso de barrancos como escorregadores, abastece o fôlego para ir de encontro com a mana. Zita, a mãe, percebendo, abandona a panela no fogo e se apronta no alpendre de terra batida com um olhar choroso e emotivo, pano de prato surrado no ombro, coração a mil, antecipando o cheiro de cidade da filha, e a medida que Silvana abraça os irmãozinhos sem qualquer imposição de vaidade e Juraci leva suas coisas, o encontro dissonante entre o cheiro de cidade e o cheiro de picumã envereda aquela canção saudosista de fim de dia. Benção, mãe, Deusabençoe, minháfia! cuméquici tá lá, vei bem, graças a Deus, né, Tô bem, mãe, a viagem foi boa, só um pouco cansativa, a emoção foi tanta que até esquecera de cumprimentar e agradecer Juraci e a esposa, Uai, cumpadi, deuscajuda, ocê e cumade, vamu chegápra cá, Amém, disseram os dois, Cumpá Carmtabão, né, acrescentou o vizinho, Graças a Deus tá bão, taí mar Demá trabaian, Ah, intão tabão, Vamo descê, completou Zita, Não, cumadi, norvamimbora, otaora nor apressaí, disse a mulher, Tabão intão, vai cum Deus e Deuscájuda, Amém, responderam ambos despedindo-se. os abraços ternos e repletos de atração misturam-se a uma paisagem vermelho e verde, vegetação seca típica do cerrado montando uma rapsódia de viola, acompanhada pelo canto do tucano e do bem-te-vi, que ameaçam o sossego da materna coruja que vigia os filhotes ali por perto, bem do lado esquerdo da casa, fatos e detalhes ignorados pela poética universitária, que atenta aos detalhes pouco sutis da mãe, como o lenço embatumado da cabeça, as rugas proeminentes cada vez mais, os dentes sofríveis e um leve cheiro de suor aninhado ao vestido pouco atual e justificado pelos iniciantes fios brancos disfarçados pelo lenço. a mãe recruta toda a sua atenção e seu zelo neste momento Ocê tá muit magrinha, minháfia, num ta cumenu direit não?, ao que a jovem impera um pouco sincero “estou sim, mãe”. a mãe sabe que as comidas que ela deve comer na cidade não são as mesmas que comeria na fazendola, e fora a rotina atarefada que desobriga a jovem de quaisquer

conveniências familiares, como empoleirar numa varanda, apoiando os pratos de alumínio descascadoos na palma da mão, enquanto estralhaça os restos mortais de um frango caípira amarelo açafirão contrastado pelo verde do cheiro-verde. o cansaço da viagem era registrado pelos olhos perspicazes de Zita, que já estava à postos para cozinhar uma canjica, alimento que a garota adorava quando criança. enquanto leva o corpo esguio amontoado de roupas e assessórios julgados desnecessários pela ordem daquele lugar, as crianças se esparramam em meio ao profundo e ocioso sol de sangue sobre a serra, enquanto a mãe gentilmente os convida a tomarem banho antes que anoiteça. as crianças correm avulsas sobre braquiária, também avulsa paisagem colada ao torço desnudo do campo, enquanto a lua entrega todas as suas intenções da forma honrosa que Deus planejou. o som do rádio funde ao som dos sapos brejais e de insistentes cigarras desgarradas de bom senso. a jovem, após verificar tudo o que de antemão poderia, quer saber onde o pai e o irmão estão, Uai, mãe, Demá tá onde? achei que ele iria me buscar!, Tô morrendo de saudade dele, a mãe, derramando virtudes, sonega sua possível insatisfação, Uai, tão guardanu o gado, Ainda, questiona a filha, Ainda, responde Zita, enquanto prepara um prato de canjica, desobedecendo seus próprios mandamentos de comer doce antes da janta. nessa feita, o feijão, no fogo clama sedento por um alívio, movido pela negligência da velha que só pensava no conforto da filha, Ô, mô Deus, u fêjão, qui cabeçdi burressa minha. Silvana levanta o olhar e mete um disfarçado, quase imperceptível, sorriso, ao passo que essa ação concorre com o assopro no enfumaçado prato de canjica, e esse sorriso, mesmo tímido, mesmo inadequado pelo desastre da mãe, revela o gosto que ela sente por aquele momento, ciente de que ali as coisas não mudam, e as lembranças centenárias, as mesmas construídas por mãos grossas e calejadas, não fenecem. Bia entra para a casa e toma o banho, enquanto o irmão ainda aproveita os últimos instantes brincando com o velho e cansado cão, Duque. a menininha, enrolada numa toalha surrada e desbotada manchada de borrões de sujeira, e que se algum dia foi listrada, devem ter sido gerações antes, sai ajudada pela mãe batendo o queixo e com o cabelinho aporrinhando sua visão, todo molhado, derretido, transfigura-se em névoa nos olhos pequenos e amendoados, que com gratidão irrequieta, apaixonada-se ao olhar igualmente enamorado da irmã. ao passo que mãe grita Ivan, vem, o menino deixa correndo, como se o mundo fosse acabar, o olhar cansado de Duque, o cansado cão da casa com pelo repleto de carrapichos, que testemunha aquela sangria desatada reclinando vagorosamente sua cabeça para baixo, retornando à seu estado de quase morte, quase sono observador de poente. na maratona

empreendida pelo garoto, ele passa o pai e o irmão, que estão chegando, mais cansados que o cão, mais velhos que o sol que os queimou durante o dia inteiro, Ê mininu, qui correção danada é ess na porta, cria tipnã, indaga indignado o velho Carmo, trajado com o cheiro de suor de um dia inteiro, sentando-se à beira da porta retirando aquela torrente botina dos pés cascudos. Demá não aguenta a saudade, e intercepta a madrasta logo na entrada, Uai, dona Zita, padrin trôxi Silvana, Trôxi, taí, responde ela com visível satisfação. o rapaz entra soturnamente e vai de encontro da irmã, que ainda degusta, com visível dificuldade, o restante de seu prato de canjica. Uai, a sumida resolveu aparecê, disse ele timidamente olhando para o chão e sem querer abraçá-la, Uai, num vai me abraçar não, exortou a irmã, Tô u suó purim, mixi com gado o diintirim, tentou argumentar, mas sem sucesso, recebendo um terno abraço de Silvana. Você tá preto, Demá, tem que tomar cuidado com o sol, Poizé, eu uso chapéu e camisde mangcumprida, marmesmo assim, parece que tem um solprá cada um, E o pai, Como ele tá, Taí, chegamo junto, devitá tiranu a butina. o pai sentado com um olhar cansado, levemente disfarçando seu prodigioso interesse em ver a filha através de seu cansaço estrondoso como pretesto, afinal, não gostaria de demonstrar tamanha vontade em revê-la, mesmo que seu coração pulsasse de vontade de abraçá-la. depois de apartar-se de Demá, Silvana percorre o pequeno corredor artesanal para encontrar o tronco outrora fornido, hoje nem tanto, de seu pai, mesmo enfrentando uma crescente dificuldade com o escuro crescente, o lugar, a sua origem, agora necessita ela de adaptação, em poder enxergar nas vielas embriagadas pelas sombras, e não pelas sombras somente, de raízes e tradições, de atávicos movimentos táticos de sobrevivência, aquilo estava longe de ser os apartamentos iluminados e branquelos de Brasília que ela costumava frequentar durante as noites de sábado, enfim chegou no lugar onde o pai estava, e Carmo sobe as vistas frangindo a testa marcada e negra e suada, com um olhar frio profundo que não suportou ver aquela imagem vivíssima, ele, por sua vez, não via problemas em observar o torso esguio da filha, e todas as imagens dele com ela quando, ele, um homarrão, e ela, apenas uma delicada e indefesa alma vivente que ousou abrir as asas e refugiar-se nos montes belos além do Éden, longe do esconderijo das sombras onipresentes das asas avultas e narcísicas e narcísicas do pai, surge na sua frente. de repente, em meio a um silêncio, Uai, vai ficá í só oiani pa minha cara, numvai dá bença, não. ao término da frase as feições do pai flutuaram rapidamente, culminando em um leve sorrisinho de canto e um brilho tímido nos olhos escuros, Bençã, pai, como o senhor tá, tava esperando terminar de tirar a botina, Deusabençoe, tô bão, cum sidiz “levanu”, coméqui

ocê talá naquelas beira, Uai, tá bem, graças a Deus, terminei mais um período do curso, Ah, tabão intão, termina quando, pergunta o pai interessado, Ixi, tá longe ainda, pai, daqui uns dois anos e meio, se eu não reprovar ou algo assim, tem isso ainda, acabei o terceiro agora, É demoradimais, uai, eu nunca tivi paciência presses trem, não, meu negócio sempfoi roça, capiná pá um e otu, esses fazenderão véi aí, mar pa quem tem paciência e jeité bão dimais, Poisé, respondeu a filha, Uai, pai, falando nisso, por quê Demá não volta a estudar, Demá tá novo ainda, tinha que aprender pelo menos assinar o nome, Ah, essaí é rudu igualeu mer, miora não, o trem dele é roça, elaté fiquinventanu di tocá viole sanfonaí nessas festa, maiselh tem quicaçá jeitdi trabaiá merm, respondeu Carmo com um visível desconforto, afinal, Silvana poderia ter esperado pelo menos até a manhã seguinte para cobrar alguma coisa ao pai, mesmo ele achando que ela não deveria intrometer-se no que não era da conta, mesmo assim, tanto Silvana, como o pai, atenderam ao perceptível medo da mãe e, de comum acordo, mesmo que não orado, em manter a paz por mais tempo possível. o pai, por sua vez, demonstrando toda sua deselegância, direciona sua atenção e olhar para o lado de fora da casa, enquanto isso, Demá descobria seu torso corpulento e queimado de sol, no banheiro escuro, enquanto a mãe dos irmãos aproximava da porta suavemente, Demá, a água frivida taqui ó, vô dexáqui nuchão, abráporta i pegaí depois, Tabão, Zita, vôpegaí agora, brigadu, Dinada, respondeu Zita voltando as atenções ao marido ali olhando no quintal o que ainda era permitido densidade da noite, planejando o que faria ou ordenaria ao primogênito que fizesse, Vôbotá água ali pa frevê procê banhá, Carmu, o homem com uma seriedade intacta, nada responde, Marquém divia tê tomadu primero era ocê, né, fia, cêqui chegô diviaji... nuntôfalan qui minha cabeça nuntá prestanpranada, neinpá falá socê queriônão, Tô bem, mãe, eu espero meu pai tomar, pode ficar tranquila, respondeu Silvana com um leve sorrisinho de canto. o fogão à lenha trabalha incessante fervendo as latas de água, que borbulham à medida que o patriarca ainda observa e planeja o dia seguinte. ao término, quando a água estava suficientemente eficaz para um bom banho, Zita, observa que Demá já saíra do banheiro e que já está apto para receber o pai para o banho, Pó vim, Carmo, tomá seu bãin, o homem desapega o olhar do quintal já escuro e se direciona para o banho, enquanto a mulher apronta mais uma rodada de água no fogão e termina a comida, ela é sempre a última a banhar-se. com as costas molhadas, após um brevíssimo banho, o patriarca sai já vestido da cintura para baixo, o cheiro forte de suor não sai, mas esperar que aquele cheiro de homem trabalhador saísse dele, era como querer que sua masculinidade fosse expurgada de seu seio maturo pouco peludo e

frígido e já seco de, com uma musculatura cansada e pele opaca, em contraste com a queima dos lados de fora do braço, parecia duas cores: Zita, vêssocê coça minha cacunda aqui. Zita dirige-se ao marido, e a filha, observa, saboreando a última porção da gostosura de doce que havia no prato o olhar pouco ambicioso, cansado e vertido em vestes de boa mulher da mãe, de boa esposa, e boa mãe. Não, Zita, mar prabaxu, dizia o marido enquanto a mulher localizava o ponto exato da coceira, sua unha, pouco tratada, com um resto antiquíssimo de esmalte rosa, a unha dura, quebrada e grossa, demonstrava a grosseira situação, em contraste com a unha recém feita da menina da cidade logo ali, que observava calorosamente, com instintos perpétuos de saudade, malancolia, descaso e inconformidade o lugar da progenitora, e suas funções servis e propriamente em cumprimento às ambições maritais, enfim, a mulher sabiamente descobre o local e a lixa de suas mãos faz o marido encontrar alívio. Aí, aí...disse Carmo, que finalizou, Tabão...a jovem encerrou a demorada degustação, aquela mania de comer devagar aliada a carinha e o jeito com que batia os dentes na colher quando recolhia o alimento, fazia parecer que Silvana estava com nojo, quando na verdade, não se sabe, talvez era parte de sua natureza. a mãe preparou-lhe a água depois de fervida, a que seria misturada à água gelada, aquele tempo era o mais frio que Unaí poderia ansear, entretanto, como moravam perto do rio, e envoltos de matas, aquele frio baixava inda mais, seria necessário, para pessoas desacostumadas com baixas temperaturas, a insurreição de se revogar ante às temperaturas, temperaturas estas que consideravam o auge. a filha foi ao quarto, demonstrando pouca destreza com a luz precária, cobriu-se de sua toalha branca felpuda e direcionou-se ao banheiro, agora precário para uma moça que experimentou fases mais opulentas, mas Silvana não era tão mesquinha quanto parecia ser, apenas a achavam e, embora tenha passado muito tempo se sentindo incomodada com tais comentários sobre a sua possível síndrome de realeza, resolveu tomar posse do estereótipo de donzela, agora com segurança. sabia que havia coisas não resolvidas em Brasília, e coisas não resolvidas ali, na casa dos pais, e coisas não resolvidas dentro de seu próprio coração, mas não era o momento.

Delicadamente, em meio a uma pouca luz de uma lamparina preta antiga que cheirava sua falecida avó, a outra ainda vive, ela descobriu o torso moreno delicado, os cabelos ousados e volumosos, ousados para aquela época, para aquele lugar, a pele lisa, o corpo delgado, a linha de sua vagina curvilínea embebia-se da água, agora morna, em contraste com os pelos arrepiados de seu corpo, o corpo, os olhos alinhavados e

enegrecidos, o nariz afilado, a testa pouquíssimo frangida e a vagina, ungida, batizada, o corpo detalhadamente se alimentava de uma regrada espuma branca de sabão, sabão que não era de coco, não era sabão de barra, era sabão comprado e caro, era uma típica garota da cidade, de repente, aquele corpo magro e delicado, toma posse de uma autoridade eclesiástica e finaliza o ritual, cobrindo-se novamente a bocetinha e os seios pequenos e pouco bicudos, os pelos não já tomam seus referidos lugares, e ela sai da antecâmara, vai até o quarto, com as mesmas luzes cabalísticas e o fúnebre velório daquele dia exaustivo dá lugar aos seios voluptuosos da lua, e da noite, com seus espetáculos malditos e coloridos doloridos, ferozes e nebulosos no céu. a família aguarda a visita para o repasto, o pai, fuma um cigarro de palha, depois de ter ceado um gole da 51 localizada estrategicamente debaixo do filtro de barro, fazia aquilo sempre antes do almoço e antes de jantar, e a localização, próxima ao filtro, deixava a cachaça mais fresca. a mãe, ainda sem banhar-se, prepara as crianças para comerem, as crianças, por sua vez, estão brincando, a menina conta a Ivan uma pequena anedota sobre lobisomem que ouvira no grupo pelos outros colegas: Ivaaann...cêqué queu ti contu a históra do lobisomi, Que isso, Bia, Peraíqui vôti contá...Pó pará cuessas históraí, Bia, vem os dois cucumê tá prontu!, interrompeu a mãe, Depois ticontu, disse a irmã mais velha cochichando. nisso, surge Silvana deslumbrante, perdida entre a escuridão pouco iluminada para jantar, enquanto Demá dedilha o violão que era do pai, mas usurpado por ele. a mãe, inicialmente, enche de forma bem generosa o prato de Carmo, seleciona seu garfo preferido, que, aliás, era o maior, e o entrega. sem qualquer cerimônia, o pai fecha os olhos e mexe os lábios em uma tradicional prece silenciosa, e após o agradecimento aos céus, cavuca o prato, assoprando e levando em seguida uma generosa quantidade de comida à boca. Zita, após servir o marido, coloca uma quantidade razoável em dois pratos e dá às crianças com colheres e em pratos de alumínio, e convida a filha: Vem, fia, cumê logo, Silvana, por sua vez, não vê a hora de deliciar-se com a saborosa comida da mãe, colocando uma quantidade muito aquém de uma mulher adulta, mas conveniente a uma mulher de corpo esguio e cintura fina, senta-se, apoiando o prato à mão, algo que sempre lhe pareceu desconfortável, afinal, aquela mulher não era dali, era do mundo. Demá enche um prato de comida, Óiaqui, Silvana, a pratada...arrancando alguns embaraçosos risos de boca cheia da irmã, ao sentar com as pernas abertas, assoprar a comida, aquele corpulento jovem também apoia o prato na mão, assopra pouco a comida esfumçada, e como se estivesse trabalhando massa de concreto, enche a boca com comida, aquilo parecia-lhe confortável, afinal, aquele

homem era um homem daquele lugar, um ser da Aldeia, a forma peculiar com que falava, inclusive denunciava a todos os habitantes daquelas terras, lhe confirmava o espírito ancestral de luta e perseverança, a fala, que vale salientar, sempre exprimiu um sotaque gostoso, sotaque que Silvana tinha, porém, mesmo sem querer, fora roubado assim que se tornara do mundo. a mãe como sempre, demora para servir a sua própria comida, ela sempre com um espírito sacrificial, espírito das mulheres guerreiras da Aldeia, tanto de cima como de baixo, não importa, tudo parece descender de uma só barriga e manifestam até as suas angústias entre si, especialmente as mulheres. embora todas essas descrições pareçam ou soem de forma depreciativa, saiba, caro leitor, que a Aldeia é o mundo, o rio corre e percorre todos os cantos, mas sempre é fiel à sua nascente, Silvana era o rio, isso é necessário, ela tinha temas não tratados, feridas gastas, corpo de barro, mãos adormecidas, gatos do mato perseveram por uma boa caça, o homem busca identidade, e não se pode fugir da própria gênese, mesmo que queira, ela é da Aldeia. o silêncio toma conta da sala, meio escura iluminada porcamente, enquanto todos, de boca cheia, deliciam-se com o auto dos santos.

Enquanto Demá já havia repetido, o pai, não, era mais comedido e contentava-se com uma pratada apenas, a mulher da cidade encerra a refeição, Uai, sóiss, comais, uai, diz a mãe, Não, mãe, tô satisfeita, Demá devora o pedaço de frango caipira enquanto vê a cena, os mais novos fazem bagunça, Num gostô dumeu cumê não, uai, diz a mãe, Gostei, tava ótimo, mas senhora sabi que eu não como muito não, Tá de regimi, pergunta Demá rindo com a boca cheia, Não, seu bobo, Tabão então, termina Zita, A senhora quer ajuda com a louça, pergunta Silvana, Quê, pergunta a mãe, que não escutara o que a filha falara, Vou te ajudar com a louça, tá, torna a repetir, Pricisa não, podexá essas vazia que eu lavu, pó discansar, Não, mãe, deixa eu te ajudar, a senhora já deve tá cansada, diz Silvana já começando a ajudar, mesmo com a recusa da mãe. enquanto isso, o silêncio de Carmo é rompido, Uai, Demá, ocê sabi onditá aquelarreio véi meu, Uai, pai, sei não, nuntá lá ondi sinhô guarda aquelas cela não, Uai, caçei lá marnunvi nada não, amanhã cedo nortem que achá ela pa usá ni Guerreiro, diz o pai em referência ao cavalo preferido, dos três animais que possuíam para os serviços na terra que, além desse, ainda havia uma égua e um potro, É, amanhã nós acha esstrem aí, devetá ai merm, responde Demá. um pouco mais tarde, mas ainda muito cedo para Silvana, todos recolhem-se às suas camas, a garota da cidade não tem uma boa noite, não está acostumada com tantos mosquitos, com a hora de dormir, e precisa lidar com o

medo peculiar de sapos, digo peculiar porque é difícil lidar com um medo onde o objeto do medo é abundante, aquelas terras brejais são repletas de sapos, a sinfonia que ela ouviu a noite toda e sempre arrepiando até o fim de sua alma, foi o canto dos sapos.

De manhã, antes do sol, Zita, Demá e Carmo levantam-se, Zita primeiro, a fim de preparar o café, Carmo em seguida, cobrindo o corpo seco com vestes serviçais, as mesmas que usou no dia anterior, Demá, ainda com bastante sono e cansaço, em seguida, a fala sempre alta do povo da Aldeia anuncia o fim do sofrimento noturno de Silvana, que acorda com as galinhas e perde a oportunidade de usufruir de mais um pouco de sono bem sucedido. a moça então levanta-se e, convidada pela progenitora, mune-se de um copo de vidro que antes era usado como recipiente de molho de tomate, com café preto, pouco doce, pouco amargo, plantado, colhido e moído ali mesmo, Tem pãoodiqueiaí, ficô bão não porque o queijunum é dus mió, mardá pa cumê, tô cum essa mão ruim, tô danu conta di torcê direitu não, aí Demá é quitá fazeniss pra mim, disse a mãe, convidando e antecipando à filha, Ah, tá bom, tá onde, pergunta a filha, Taí nessa vazia branca nu armáru, Vazia branca, qual, pergunta Silvana com voz grossa, aliás, todos estão com vozes de quem acabara de acordar, Essa vazia aí du ladu desse trem aí, Que trem, mãe, disse a filha rindo, Ess tremdi sôpai qui finadu Jacintu deu eli, Ah, essa cuia aqui, Isso, é essaí, Uai, mãe, mas essa vazilha não é branca, é de alumínio, disse a filha se divertindo com a descrição confusa da mãe, Ah, minha fia, tá bão, pra mim é branca. depois de comer um pão de queijo com uma generosa mordida, Silvana elogia o produto da mãe, Uai, mãe, quequi tá ruim nesse pão de queijo, tá muité bão, disse ela em um momento em que todas as influências que a afastavam de sua gênese pareciam ter sumido após uma mordida em um pão de queijo, Ah, num gostei não, esse queij ficô salgad dimais, Nada, tá muito é bom, disse Silvana, voltando a compostura tradicional da língua.

Enquanto desenrola essa conversa, Carmo e Demá já estão tirando o leite das vacas, o caminhão leiteiro da cooperativa passa para buscar e levar os litros produzidos à cooperativa, onde é repassado aos clientes, é um bom dinheiro e ajuda a família a recuperar-se do rombo na receita gerada um ano antes pelo plano de confisco das poupanças do Governo Collor. o clima ali é de puro silêncio e concentração, o filho até que gostaria de interagir mais, mas o pai é mais circunspecto e dedicado aos seus serviços, não que Demá também não seja, porém, o jovem é mais desconexo da realidade que o cerca, menos preocupado. o espírito servil dos habitantes carrega a

atávica sensação pastoril de séculos anteriores, ainda em outro continente, das almas de pretos velhos, de escravos fugidios, de almas sacras, da onipresença dos olhares de neves, do deus do serviço, da alma de posse, do cheiro de ouro e terra e mato, do carvão, das construções, das casas de barro e folha, dos cupins estrelados ao meio do pasto, dos dias chuvosos, das faíscas de sensação maltês e blazê e lendas, causos e histórias, a alma habita um corpo, um sopro...

Demá, depois quicê terminaí vailá e porcura aquele arrei lá pra mim, ordena o pai ao filho, Tabão, pai, tô inu lá. depois de terminar o que estava fazendo, o vaqueiro mais jovem dirige-se rumando ao lugar onde imaginava que o tal arreo havia ficado, no caminho depara-se com a irmã mais nova ainda com um copo de café na mão, Vei trabaiá marnóis, Uai..disse Silvana com leve sentimento de preguiça, Di noiti vai tê uma farinha na casdi Elias, disse Demá a irmã, Elias de Preta, questionou, É, Elias boca di égua, elivai fazê um trem lá hoji, si pai dexassi nóisí...Uai, é só conversar com ele, imaginou Silvana a facilidade, Ah, ocê num sabi cumessi véi é temosu, Podexá, vou convencer ele a deixar, Cê qué í pra tocá, né, disse Silvana pressupondo as intenções do irmão, Uai, é bão né, respondeu rindo, Já tem uns dia queu num tocu, pai fiquenchenu o saco seu saio dinoiti, quichegu tardimais, essas falação que ocê já sabi, Sei, oh, se sei, completou Silvana ao raciocínio do irmão. Achô, Demá, grita o pai, impaciente com a demora do filho, Tôinlá, pai, calmaí, respondeu ao pai mais alto pela distância, e completando mais baixo a irmã, Xô í lá caçá essi trem, depôr nor vê issaí, vamvê sele libera nóis, Tá bom, vô convencer ele, pode deixar, disse a irmã com um leve sorriso indignado pela ainda subserviência do irmão mais velho ao pai e às tradições, tradições essas que ela claramente não concordava. Demá volta com o dito arreo e entrega ao pai, que imediatamente interpõe sobre o torso duro e cansado de Guerreiro, o animal já começava a amargar o sabor da idade. antecipando a chegada do leiteiro, o filho adianta todo o material, a fim de que o homem, que ainda passará por outras terras coletando litros e litros de leite, não se atrase. a dureza da cervical embriaga o olhar ingênuo e, misturado com o frio caldo suarento apazigua sonhos indeléveis e oníricos e artísticos, a sina, a não partida, o medo do desapego, as raízes e o mal maior, a oferenda aos deuses transeuntes de outrora que agora rogam, rogam por sua prole maldita, e sacrificada, o suor...

Demá, enquantocê taí rumanu esses trem, vô dá uma oiada lá do oto ladu pa vê seu achu aquel bizerrin, pareci quinum tô venu eli puraqui, Tábão, pai, disse o filho percebendo

que Carmo não estava muito bem ou não apresentava um bom status de saúde, o velho firma o corpo seco e enegrecido nas crinas de Guerreiro, ao passo em que sustenta uma das mãos sobre a cela, os olhos cerrados, e como se estivesse sendo coberto por uma densa névoa, desfalece, porém a força de um velho como esse nunca pode ser subestimada, o filho percorre uma mínima distância a fim de dar seguridade ao pai e impedir que aquele corpo velho caia por terra, Opa!, quequi foi, pai, Uai, num sei, minhas vista iscureceu di repenti, Uai, pai, vamü lapra casa, Não, já tô mió, miorei, seu fô lá incasa sua ‘mãe’ vai preocupátoa, nénada não. responde o pai, dispensando ajuda do filho e grudando novamente à continuidade do labor. suas vistas, retornam, enquanto isso, muito lentamente...

I ocê num conta nada pa sua mãe não...suámãe, não, pa Zita...

Na casa, já perto do horário de almoço, e o repasto quase pronto fervilhando no fogão, enquanto as crianças brincam e saboream as férias escolares, a mãe e a irmã conversam sobre uma série de assuntos, da vida alheia, em especial. Silvana, aliás, não perdera o costume de querer preocupar-se com a vida dos outros moradores, era uma tradição, é uma tradição. com uma conversação de intenção baixa e repassada, para as crianças não ouvirem, as duas se entreolham e citam nomes e expressões, “o filho de fulano, neto de ciclano, e marido daquela...” e sorriem das desgraças dos outros, das coisas engraçadas que a Aldeia oferta. nessa hora, por brevíssimos segundos que as confidentes encerram seus assuntos, a filha firma o olhar e de pronto, com um semblante mais sério, mas pouco sério, mais sério que antes, afinal, a conversa que planejava a partir de agora era mais ou menos séria: Demá disse que era pra eu pedi meu pai pa dexá a gente ir na festa de Elias, após um breve espaço de tempo, a mãe responde, Ah, Demá mar sô pai fica nessas rusga, Demá qué í pa festa e eli numqué dexá, já falei pra eli quitem qui dexá, um marmanju dessi vai sigurá cumu, Poisé, eli qué tocá nessa festa, Elias diretu ruma essas farra e chamele paí, às vez eli disobedeci sôpai aí i vai tocá, pareci qui nunca viu sanfona na vida tamén, pareci qui nasceu primero qui sanfona, responde Zita. Poisé, mãe, desdi pequeno que ele gosta de música, acho que ele seria um bom artista, diz a filha, É, desdi piquenu quelé invocadu cum esses trem, e sôpai num gosta pranada, é implicadin cuissu. a filha escuta essa fala da mãe com um certo olhar de aborrecimento e perplexidade, de rememoração do passado, da virulência de tudo aquilo que a desagrada, de tudo aquilo que seu espírito a fez expurgar daquela terra terra.

Pu falá nissu, esdois dertá quasi cheganu, diz a mãe já finalizando os preparativos do almoço, Posso colocá os pratos lá, pergunta a filha, Pódi, aproveita e bota os gaufu tamém, Tá, qual é o garfo que meu pai usa, É essi grandão aí, u maió qui tivé, Ah, tá, achei. nesse exato momento, pai e filho chegam, fortemente corados, pretos de sol, Uai, cabeí di falá docês aqui agora, num morri tão cedo, diz Zita. Carmo, com um semblante sério, adormece o assento seco na pilastra da área a fim de poder retirar a botina cheia de barro e bosta de gado, enquanto, com um semblante tenazmente preocupado, Demá observa o pai com atenção, talvez a sua intenção era aproveitar o máximo daquela quase sacra, feia e sacrificial paterna, omitida de vaidade, alheia à modernidade e de qualquer mínimo de cuidado que seja, de amor próprio e de alma, um serviçal imbuído de falta de trato, palma da mão repleta de calos, dedos grossos, pele flácida, pele de zinco, moldada e moldada a partir do labor, do amor, da mulher, do amor da mulher e da falta de amor. Carmo vai até o filtro, o altar, amalgamado por uma decisão dúbia de amor e não amor, de manter e mudar, pega sua sempre fiel garrafa de cinquenta e um, embebeda o copinho pequeno velho e de vidro e de história, história de amor, e de falta de amor, leva o copo à boca, a água desce ardente pela garganta, e o papo engrossa, o papo seco e igualmente queimado de sol, e de amor e de falta de amor. depois de haver ceado, o patriarca mune-se de seu prato feito pela mulher e de seu garfo grande, a pratada, enfeitada por uma comida temperada, amolecida de amor, feita por amor, e a carne, representa o porco sacrificado na semana passada, Silvana não come carne de porco, e foi por isso que a mãe prepara um delicioso quibebo de mandioca, isso a filha gostava, e uma mãe sabe, conhece a sua filha muito mais que a sua própria alma, aquele era o caso. Demá, mais calado que o normal, entreolha a família, ninguém desconfia, é tudo normal aos olhos de todos. a pratada continua, como de costume, enorme...Pai, Elias pareci qui vai fazê uma festa hoje, né, disse Silvana sendo ignorada pelo progenitor, que permanece intacto, Zita, porém, vendo que a coisa já havia começado, intercede de um jeito como se não soubesse de nada, Uai, quequicês nunvai lá, Juraci deví também, vai mais ela, Demá. Carmo permanece em silêncio. Uai, siocê quisé í norvai, Silvana, responde Demá com a boca cheia e um olhar apreensivo direcionado ao pai. Cês faiz uquiquizé, pur mim...isquéci qui de manhã cedu cê tem qui acordar pa mim ajudá a tirá u leit das vaca, diz o pai sem olhar para ninguém, apenas continuando a meter suas generosas garfadas na boca. Silvana, por sua vez, toma coragem, embora não quisesse causar nenhum constrangimento em sua estadia, pondera as palavras, e solta: Uai, pai, nós podemos ir, é só a gente não demorar muito. o pai, continua fitado em seu prato,

engolindo com violência uma massiva quantidade de arroz e feijão, a garganta recém curada do ardor da cachaça e pulverizada por uma série de cigarros artesanais durante toda a metade do dia, debulha em uma rouca, baixa e amarga voz, Hum...ocês é quisabi, minha palavra num vali mar nada aqui nessa casa mais merm...Tábão, mais tardi ocês vê ess trem direitu, diz Zita, com um olhar um pouco apreensivo. A refeição então é finalizada em um clima não tão atípico, já que Silvana e o pai sempre tiveram suas diferenças, e aquelas cenas não eram tão incomuns ao cotidiano dos dois enquanto convives.

Algumas horas se passam, o pai conversa debaixo de um pé de pequi com o compadre Juraci sobre a situação econômica do páis: Poisé, cumpadi, depois queaqueli disgramadu do Collu tomô noss dinheru, o trem tá feio, semana passada fui lá na cooperativa comprá uns trem e meu dinheru num deu pra nada, diz o velho Carmo, Ah, Carmu, tá derjeitu...armaria, eu mar Lieti fomu comprá uns trem e deu inté vergonha, cumpadi, a sacola vazia, vazia, uma merreca de trem...responde Juraci também muito indignado, ao passo em que é interrompido por um grito de Demá, Pai...uai, sab'aquele vaquinha de duas cô? ach quela tá cu a pata meia ruim, mió nor dá uma oiada, ela tá mancanu...Armaria, mais essa agora, diz o pai.

Os três homens, dois por compromisso, um por um certo sentimento de altruísmo, encaminham-se para o local do pasto onde a referida vaca está. assim que chegam em meio a uma braquiária, depararam-se com a vaquinha gorda, bem tratada, porém com um visível incomodo na pata dianteira direita, Uai, Demá, ocê chegô a subi a perna dela pa vê, pergunta o pai, Subi, pai, pareci qui tá machucadu u cascu, responde Demá, Armaria, iss devissê ulsa, pelu jeitu, opina Juraci, que complementa, Iiii, cunteceu a merma coisa cum bizerru lá em casa esses temp, aí u veterináru da cooperativa disse quera ulsa, nem sabia que esses trem era isso, Diachu, tem quidá um jeitu ness trem, diz Carmo olhando e confirmando que a situação do casco não era nada boa, orientando o filho a levá-la dali, Peguéla, Demá, i põe ela nu curral, amanhã cedo vô vê cum veterináru, Tábão, vô colocá ela lá, diz Demá guiando a manca vaca. Ocê vai lá nu Unai amanhã, cumpadi, pergunta Juraci, Vô tê quilá depois di mexê cum esses bichu, Uai, será qui num dá p sinhô trazê um sacu di sal pra mim não, Dá, uai, tragu sim, Dô o dinhêro quandu u sinhô chegá, Tábão, cumpadi, porcupa cuissu não, aqui nós é um pelu oto merm, sempri co pricisu u sinhô tá prontu pa mi sirví, o compadre então, agradecido, pergunta ao patriarca se os seus filhos irão à festa que será promovida por

Elias. Uai, Demá mar Silvana vai lá ni Elias hoji, Ah, cumpadi, já num falu mar nada, Demá tem qui acordá cedo, iqué ficá nessa saissão danada, Dexele í, moç, o mininu gosta di tocá a sanfoninha e a violinha deli, Issu num dá futuru pa ninguém não, Juraci, o trem é garrá aqui nesses trem sinão, numa crise dessas ai, só Deus sabi...

Enquanto isso, Demá retorna com as botinas impregnadas de poeira, sol queimando o rosto, suor escorrendo pela pele queimada, caindo nos olhos, os olhos que com muita dificuldade vê, em carmesim, e negro, as duas silhuetas e é guiado apenas pelos ecos, os ecos das vozes, vozes roucas e envelhecidas. Tô perguntanu aquipa sôpai siocês vai lá na casa di Elias hoji, Uai...responde Demá ao padrinho Juraci com o olhar subserviente olhando e buscando a aprovação do pai, que finge que o assunto não está acontecendo, É purque socês quisé í mar nóis, eu mar Lieti vai dá uma idinha lá, pruveitá pa vê Preta tamén, acrescenta Juraci, Uai, si u veí aí dexá eu vô, Silvana tava queren í tamén, diz Demá apontando o bico do beicho e frangindo a sombrancelha em referência ao pai, que permanece intacto por vários segundos, murmurando apenas um “Hum, cês quissabi, todu mundu já é dimaió mer, num falé nada”. Juraci espera a fala terminar e faz o mesmo movimento irônico olhando para Demá, que, por sua vez, abaixa a fronte com um leve sorriso. após alguns segundos, o compadre prepara-se para sair, É, dexô í lá, Lieti mi pediu pa pegá uns pauzin di lenha pra ela...aí, Demá, siocês fô, cês min fala, nor num vai í muit tardi e nem ficá até tardi lá não, Tábão, padrin, diz Demá, Siessi véi temosu dexá né, diz Juraci batendo nas costas de Carmo e saindo, Carmo, enquanto isso, capina um pedaço de chão de puro disfarce e não solta uma palavra sequer.

O árido sertão ganha cada vez mais contornos e detalhes em carmesim, o azul amarelado e agora avermelhado contrasta ao verde sujo de poeira das folhas das árvores, não é, nem de longe uma paisagem feia, tucanos comem cocos do lado esquerdo dos dois homens, o outro homem sai daquele quadro lentamente, os dois homens restantes desfocados, um deslocado, o outro também, um circunspecto, outro levemente desconfiado: Demá, pega a cela e botela ni Guerreru pra mim, vô tê qui vê uns trem lá du oto ladu, Tábão, pai, u sinhô qué cô vô juntu, pergunta o filho, Num pricisa não, cê podi é í juntan us animal, já tá iscrecen...Tábão.

Enquanto o filho sai de cena, o pai, apoiado no cabo da enxada, contempla o horizonte, seriamente, como se tivesse negócios a tratar com o próprio Criador...

Ao passo que, já com o tempo mais enegrecido, na casa, Zita começa o ritual de chamamento, Ivan...Bia, vem pcês tomá banh logu antes quiscureci. Ivan e Bia brincam com o cansado e velho Duque, que já não tem força compatível com a jovialidade juvenil e pueril e cardíaca dos meninos. Tá, mãe, nor já tá in, diz a menina, que é mais sapeca e é quem lidera as bagunças. nesse instante, surge Demá no horizonte, corpolento, suado, queimado de sol, cabeça baixa e trajado com sua chaparreira surrada e rasgada e manchada, Ó o bobão du Demá ali, Ivan, grita Bia com os dentinhos, serrados, como se houvesse mais dentes que o normal naquela boca, enquanto o que ocorria era o contrário, percebe-se janelas naquela boca traquina, e com uma voz ranhenta Ivan e sem os dentes da frente, trajado com uma bermudinha rocha surrada atrás e suja de poeira, complementa: O Demá, seu bobão, dando língua ao irmão, que ameaça correr atrás daquelas duas crianças, Bia, por sua vez corre, enquanto Ivan é pego pelo monstruoso gigante vindo do horizonte cor de mel, Cê tá mi chaman diquê, minin atentadu, Di nada, di nada, diz Ivan envolto aos braços fortes do irmão mais velho com um bom sorriso de janelinha na boca. de longe, de braços cruzados, na área da casa, Silvana observa aquela cena com os olhos brilhando, Sôpai quichegô, pergunta a mãe lá de dentro da casa, Não, mãe, só tô vendo Demá, pai não chegô ainda não. Demá, depois de haver libertado o irmão, brinca um pouco com o velho Duque, que custa balançar o rabo de tão velho, a pouca visão faz com que ele enxergue bem pouco e trombe em tudo ao seu redor. entrando em casa, Demá se depara com a irmã, o corpo esguio, de vestido de chita, não habitual à sua nova realidade, mas servia como um ritual de rememoração, Uai, Silvana, nor vamincará u véi pa í lá ni Elias, diz o rapaz com um olhar meio de riso, meio apreensivo, meio desconfiado, Padrin Juraci dissí qui si nós quisé í juntú cuês, qui eli i madrinha vai, complementa, Uai, Demá, você qui sabi, se quiser a gente vai então, parece que cê tá doido pra tocá. o irmão apenas ri enquanto tira as botas sentado num tamboretezinho, Uai, intão vô proveitá que pai tá cheganaí com Guerreru e vôlá rapidin falá qui nós vai, diz Demá, Uai, pode falar, vamo então, responde a irmã feliz com a empolgação jovial do irmão que ela acredita que todo o tradicionalismo patriarcal da Aldeia, e do pai, roubaram de Demá. e Demá, vertido de uma singular ingenuidade, banhado de suor, e fragor do sol, e cheiro de homem, pelos sobre o braço, botina suja e chulé, embriga-se no desejo fugídio da frivolidade citadina da irmã, Vôlá intão, vôvê sipai inda num guardô u cavalu pa mim ílá. e vai...ao encontro do pai, um pouco de medo, um pouco, pouco de medo...o que ocorre naquele coração, danado por gordura e músculo e pele suada, um coração pueril, infante, num corpulento

pedaço de massa suada e batizada de sol, decide enfrentar, e enfrentar o pai, o amor pela sanfona, pela farra, aquilo não era, nem de longe, algo positivo, positivo aos olhos centenários e decaídos e empapuçados do velho Carmo que já avistava o filho de calça e havaina branca e de correia azul, já remendada com arame ou prego, indo ao seu encontro enquanto ela preparava o cavalo para o descanso. Carmo de repente aponta o olhar pra baixo ignorando a chegada, mas Demá, alguns passos distantes, exclama um pouco alto, voz trêmula, olhar desconfiado, porém sem vergonha, Pai, vôpegá Guerreru pa í lá ni padrin, o pai, com a cara fechada, apenas entrega o cavalo ao poder do filho, e a cena acontece, aquela dualidade histórica, entre o novo e o quase novo, praticamente escuro, a lua debanda sua fronte careca ondulada e brilhante amante de lar sem alma cantante, distante, gritante, viciante e flutuante, pele sobre pele, suor sobre a cara, sol para quem quer, não para todos, o novo e o quase novo, o novo que se esconde por trás das relíquias obtusas e amarrotadas de nódoas e cheiro de penumbra arcaica dama da noite, a coruja canta e encanta o pai Diabo sobre a Terra, e os habitantes cultuam suas próprias vontades, tudo é correr atrás do vento, no dia seguinte, pai e filho deverão ir cedo para Unai e tentar salvar o casco da vaca de duas cores, que padece da moléstia da vida, a vida. Quandocê chegá, cê põe elh lá intão, e num isqueci qui amanhã ced nor tem qui lá nu Unai não, vôvê so veterináru dá um trem pa aquela vaca miorá. Tabão, pai, amanhã nor vai lá, diz Demá sentindo que aquilo talvez poderia ser o máximo de permissão que o velho poderia dar-lhe.

Após entregar ao filho o alado monumento de sua alma, o pai envereda o corpo esguio pelo escuro, começando a despir-se o corpo esguio a partir de uns metros. Duque, esforça-se ao máximo da velhice para cheirar as botas do corpo esguio do patriarca, Sai, Duqui, cheração danadéssa, diz o irritadiço corpo esguio e queimado de sol, debaixo de uma calça nada justa, uma camisa anodoada. Ivan e Bia, interrompem o ritual de banho ao perceberem a chegada do pai, correm ao seu encontro, e Bia, que era a primeira candidata ao banho, dispara: Papai chegou, saindo depressa, deixado a mãe a espera, Zita e Silvana contemplam aquela rara cena bonita que viria a seguir. Papai, Papai, Papai.. gritam uníssonas, e por incrível que pareça, o pai os recepciona com afeto, pegando-os no braço e beijando, aquelas carinhas lisas e lerdas são roçadas por uma barba espinhenta e falha, os cangotinhos dos dois são embebidos do suor do dia do labor do genitor. Pele sobre pele...

Silvana observa com um olhar brilhoso rememorando a época em que era a “menininha do papai”, e da forma como rejeitara, a partir de então, aquele posto, e como essa atitude inflamou a indignação do progenitor.

A antes “meninha do papai”, agora é a “mulher da cidade”

Uma estrangeira alva entre sendas rubras e verdes quentes

Tabão, Biatríz, agora cocê já matô a sodade du pai docês, vai tomá bân qui sinão a água isfria, diz Zita.

O pai larga a menininha que desce em disparada, Ivan de repente ocupa a vaga e sozinho e é beijado na bochechinha gorda e negra, enquanto a barba espinhosa de Carmo esfrega na carinha o louvor do Amor, com amor, Amor...

Ioê cumequetá, pergunta o pai a Silvana, e aquele breve humor de expatriação é dissipado com um breve sorriso entre ambas as partes, Uai, tã bem, fiquei ajudando mãe o dia todo e dei uma cochilada também, Temqui pruveitá pa descansar mer, esse trem di istudá é terrível...Zita, cadê meu copin, cê viu eli purai, emenda Carmo com uma pergunta direcionada a mulher, que prontamente lhe responde, Uai, Carmu, eu lavei eli, taí nessi trem aí, cumé o nomi, meu Deus...ai, Escorredor, diz a filha com um brevíssimo sorriso no rosto, É, iscorredô...

Carmo, como era de costume, depois de haver despido-se pela metade o torso seco e suado, direciona-se ao filtro de barro, apanha a garrafa de cachaça e serve ao seu próprio vício, e aquilo era o mínimo de amor por ele próprio, uma chance que um homem tão duro, um homem tão duro, um homem que a vida tornou dureza pedra coração a face, aquilo era o mínimo de narcísico por hoje, a rocha emana água depois de Moisés a ter espancado, sem haver necessidade...

Apesar de todo o cansaço e a indignação com os filhos que vão acompanhar o compadre Juraci (que performa nessa fábula de indignação como um brevíssimo traidor) à festa do promíscuo Elias, Carmo, inacreditavelmente, propunha em seu rosto um semblante alegre levemente perceptível a olho nu, era necessário olhar com os olhos de amor, e talvez, só talvez, o Amor, que conhecia o seu coração e sua gênese, pudesse perceber, e quem sabe, mais ainda, seus filhos e a mulher, e pronto...

Enquanto despe o corpo seco, Carmo ainda mantém uma suavidade pouquíssimas vezes percebidas em seu semblante. no outro quarto, de Bia, a já cansada mãe segura a menina na cama enquanto seca ela com uma surrada toalha fina, a água escorre pela carinha sapeca da menina, que está batendo queixo, o preço de ter brincado até tarde e negligenciado o banho, e o cabelo sonha em molhar-se todo, e ainda espetado, meio seco, meio não, a ligeireza da mãe é perceptível, enquanto, no mesmo quarto, Silvana despe o corpo esguio, lindo, a bocetinha guardada por uma calcinha branca de detalhes disparados, talvez são flores, a barriga seca e morena e os seios pequenos pouco bicudos e durinhos, Bia, batendo queixo, encanta-se com a beleza da irmã, o cabelo ondulado e cheio, e abaçanado, os olhos trigueiros brincantes e audazes desafiadores de raízes encara uma roupa que havia separado para a ida na casa de Preta e Elias, a menina percebe que não há beleza maior, e claro, não há, ela é o anjo mais lindo que desceu dos altos céus para abençoar o carmesim verde cerrado da Aldeia, depois de ter haver ceado as primícias imaculadas do torto Éden, Silvana, a única, sabe que essas letras a amam, e as mãos que as escrevem, mais ainda.

Nesse mesmo tempo, Demá surge demasiado aventureiro, guarda Guerreiro e surge imediato na porta da frente, Duque, cansado, apenas sobe os olhos decaídos e torna a cabeça ao chão, o aventureiro violeiro estala os dedos em referência ao cachorro deitado que mantém o seu descanso e ignora a atenção do tutor. Demá entra pela porta, Silvana, ocê tá prontajá, Uai, tô terminando de vestir roupa, Vô só tomá um bãin aqui rapidin e nor vai, tá, Tá bom, já tô quase pronta, responde Silvana do quarto. Carmo escuta aquele diálogo um tanto indignado, mas não fala nada, aquele dia o seu humor estava bem, acima do normal, para parâmetros de comparação.

O carro de Juraci e Liete surge no meio do mato, o carro não é novo, longe de ser, é um chevette 1977 bastante barulhento, embora conservado. ao som de duas buzinas, os dois irmãos saem da casa em direção à carona, Demá esquece a sanfona, guardada à miúde no interior do seu quarto, o cuidado que não tinha com o violão do pai expropriado por ele próprio, o homem, com corpo grosso gorduroso e fabril apropria-se do instrumento e com todo esmero o leva consigo, Silvana surge deslumbrante com sua fragrância delicada doce sensual que incendiou o interior do carro com demasiado desejo.

Carmo direciona-se até o tamborete na porta onde cumprimenta o amigo, o qual, como já disse, naquele momento, tem nuances de “traidor”. Carmu, u cumê tá pront, diz Zita levando o prato derramando pelas beiradas e com uma fumaça cheirosa de arroz cozido na hora, quiabo, molho de jiló e abobrinha, além de uma amarga porção de jurubeba, abaixo de tudo estava uma quantidade massiva de feijão cozidinho recém tirado do fogo e ainda não temperado. Zita, por sua vez, pega uma porção desse feijão e, misturado à farinha de mandioca, devora com todo louvor com a prerrogativa de que não está com muita fome, Ivan e Bia guardam grãos de arroz no canto da boca, não sei, talvez para comerem mais tarde.

O carro cruza a escura e silenciosa estrada empoeirada com os quatro ocupantes, se não fosse a noite escura, as cores seriam verde vermelho de poeira e mato.

A lua está linda e deslumbrante, só não tanto quanto Silvana...

Na casa de Preta, Elias recepciona os convidados com um gentileza acima do normal, as vozes de todos altas e bem altas, o sotaque típico do lugar toma conta, Ô, Demá...ocê vei, né, achei quinum vinha mar não, Uai, cê acha quissô ocê, tratanti, E, aí, sô Juraci, bença, sinhô tá bão, Opa, Deusabençoa, tô passandi bão, graças a Deus e minha Nossinhora, e ocê, diz ele tirando o chapéu da cabeça enquanto responde o enérgico Elias, Bão e bunitu, i, sinhora tá boa, Lieti, bença, Deusabençoe, tô bem, e cadê aquela véia inzibida qui num vai na casdi pobri mais, Tá lá dentu, podientrá lá, diz Elias, Vô í lá vê ela um poquin, Uai, e essa muié rica aqui, achei qui num andava ni casa di pobri não, bem qui mãe comentô merm quicê tavaí, Poisé, falei quela merm o dia qui nor foi buscá ela na rodoviára, diz Liete, Ocê tá boa, cumé qui tá inu lá naquelas capital lá, Tô bem e você, uai, tá indo até bem, tirando a correria, Ah, intão tabão, vai lá vê mãe, Lieti tá inulá, vai mais ela.

Enquanto isso, os demais moradores da região chegam com o apressado necessário para a manutenção da dignidade através do culto à alegria depois de uma lida diária de um jornalista embrutecido através de um cálcico e monumental registro de sol, o sol de Unaí, o sol das Aldeias, o sol dos lombos, o sol do Amor...

Demá posiciona um tamborete de um lado de onde se formaria a roda, Elias, munido de uma viola, começa afinar, mesmo que não saiba o que é um dó, aliás, nenhum deles

sabia, e quem disse que precisava, o valor daquela arte estava na sutileza, no talento e no carisma. por mais sofrimento que eram aqueles indivíduos, a alegria, a fé e a esperança permanecem nos seios vívidos e vivos de cada um daqueles sofrimentos centenários. o Amor, de uma forma meio torta, manifesta o amor no amor deles um pelo outro, pais e filhos, mães e filhas, irmãos, vizinhos, compadres e comadres, animais, a terra carmesim, o sotaque, os casamentos entre eles, talvez era uma espécie de pacto velado para a preservação da história das Aldeias, e, provavelmente, Silvana, ao recusar esse contrato, tivesse envergonhado o velho Carmo. Demá começa a tocar!

Elias, de sarada voz, acompanha com a viola, a música escolhida era a composição Velha Querência, da velha dupla Liu e Léu, uma belíssima poesia de artistas sertanejos reais, os quais aquela dupla sertaneja da Aldeia, também artistas e sertanejos reais, eram muito admiradores. Demá acompanha de segunda voz. os demais chegam e começam a jogar truco e beber cachaça, Preta, ao perceber o início, dirige-se junto com Liette e Silvana, aliás, ela ficou feliz em ver a menina novamente, apesar de que a agora cidadina, sempre manifestasse um desapegado desinteresse por aquela terra e por aqueles costumes. Silvana senta-se num tamborete ao lado de Liette, Tomara qui Juraci num inventa di ficá jogan trucu até tardi, num gost dess gritaiada pranada, Silvana responde a fala da vizinha com um breve sorrisinho em meio aos berros dos jogadores e música. enquanto os trovadores noventistas do cerrado do Noroeste mineiro evocam deuses lendários da música caipira, longe das luzes cinestésicas dos circos místicos dos programas de auditório de domingo à tarde, a moça relembra quando, na infância, e Demá, já maior, pedia a ela para escrever letras de sua própria autoria enquanto ditava com uma vozinha pouco madura e olho pregado, geralmente com o braço encostado numa estaca e ela sentada pouco educada para uma menina naquela idade e naquele tempo, posteriormente seriam musicadas por ele e cantadas por um também jovem Elias. aquele era um típico caso de um artista em vida, ou em morte. um verdadeiro artista, como um típico sertanejo, não sabe ao certo se está em vida ou em morte, um artista pode nascer e morrer sem ser percebido pelos olhares da maioria. Silvana sabia que aquele artista estava morto, mas Demá, Demá, o seu irmão, era maior do que aquilo que ela tanto repudiava, aquelas atávicas e nada catárticas experimentações de amargura, de briga e de falta de consolo, a dureza...o Amor e a vida sabiam que não precisavam esbofetear o jovem vaqueiro, assim como o velho Carmo, mesmo assim, os esbofetearam, e Silvana, sofria com a negligência do Amor, e da vida, e do destino. na

sanfona, Demá gemia verdades, entoando cores de saudades nunca vividas, existentes, quem sabe?!, os sapos brejais e os grilos principiam o coro assustador da noite revoltosa e fria das Aldeias perto do rio magnânimo de sinceridade e paz, desce sobre a barba dos nomes grossos e gasosos espíritos embalsamados de cor e dor.

Aquele sarau sertanejo continua com homenagens sonoras às duplas sinceras do campo, o verdadeiro caipira ali é notado. as melodias transmitem o Amor...

O amor do Amor, versado de prosa e riso, imacula a saudade sertaneja, tortuosas sendas de fragor e horror, mato, poeira, serra, verde carmesim sobre o luar cantado, perene, insistente, traído, mortificado, surrado...amolecido, enaltece o amor do Amor para o amor dos amantes amados e amáveis trovadores de amores amados amargos.

Não pense que isso é sobre amor, ou sobre o Amor, é sobre dor, e amargura, as terras das Aldeias foram batizadas por suor, e lágrimas, decepções e por um ranger gemido de agonia sacirifical, enquanto amor escorre pelas gerações, e nada de amor do Amor, e e nem Amor, apenas dor e simplesmente dor.

A festa toma seu curso normalmente, até que Liete e Juraci chamam Silvana para ir embora, mas os irmãos, tomando gosto pela bravura, resolvem ficar, Uai, ocês pó ficai codôum jeidjilevá ocês lá, diz Elias, depois de já tomado pela euforia da farra e do álcool. os dois irmãos ficam mais mais um pouco enquanto os vizinhos se vão mais cedo.

Já bem de noite, após as conclusões de toda aquela festansa, os irmãos chegam de carona na casa. Duque ensaia alguns latidos protetores, mas a preguiça da idade o vence, logo após perceber que o cheiro era amigo. Carmo está em sua cama, mesmo com o sono pesado, percebe a chegada, os olhos acendem no escuro deitado de bruços sobre o travesseiro, Zita não havia dormido ainda, Óia a hora quesses mininu tá chegan, murmura bem baixainho a fim de não acordar o marido ao lado. poucas horas depois, o galo começa a dar o da graça, Silvana permanecerá dormindo até mais tarde, mas Demá, não. ciente do seu encargo no auxílio do pai, levanta-se tonto de ressaca, a madrastra já está preparando o café preto, o pai questiona, Demá já cordô será, Zita, vi el levantan, tava lavan o rosto, U leitêru dertá quas passan já.

No ponto, esperam pai, o determinado corpo seco e embrutecido e o filho corpulento por fora, levemente inocente por dentro. o caminhão leiteiro se aproxima depois de ter passado por outras propriedades e pai e filho sobem em meio a latas de leite, o sono de Demá é perceptível, o pai, por sua vez, não fala nada, apenas permanece com a cara trancada. em meio às bacadas e névoa vermelha poeira, o filho mune-se de coragem, Pai...diz Demá, mas Carmo não responde, Pai, será quinum é bão o sinhô í ni dotô Dení fazê uns inzami não, só pavê seess trem num é nadi gravi, Tá bestan, issné nada não, Podi sê u coração, Não, eutô bão, pó ficá tranquilo, tô morren não. a conversa encerra-se ali, mas Demá sabe que o destino do pai está traçado, o que dá a vida à Aldeia é o mesmo que tira. na casa, Silvana levanta-se do seu sono real para tomar café, percebe que a mãe logo cedo já está ocupada com a enormidade de trabalhos domésticos, no quintal, a mãe despena levemente o pescoço de um frango e com a faca mesmo estapeia o papo, o sangue jorra após o corte preciso de Zita, Silvana observa com gastura de longe, Pai, mar Demá foram pra cidade, Foi, responde Zita levando o frango para a lata de água fervente, Ês saíru foi cedu, e Demá custô cordá, der tá numa ressaca, Ah, mas o tanto que ele e Elias beberam ontem, disse a filha aos risos, Poisé, sôpai odeia quele sai pa esses trem, Demá já um homem criado, mãe, É, mar sôpai num gosta, né, Uai, mar num tem que gostar não, até quando Demá, um marmanjo daquele, vai continuá obedecendo pai, U pobremé dêis dois pralá, nor num tem nada a vê cuisso, sôpai até hoji indé clamosu docê num tê casadu cum Geraldu, otu dia iscutei eli clamanaí pa Juraci, falan qui morreu di vergonha da disfeita cocê fez quess, Lieti mar Juraci nem tá nem aí não, Geraldu já até rumô uma muié já, Si ele acha que eu sô igual Demá que deixa ele mandar nele até hoje, tá muito enganado, meu pai ainda tem esses pensamento de gente antiga, eu nunca gostei daqui, desse povo fofuqueru da Aldeia, desse lugá, Sôpai é du tempu dus antigu minháfia, releva, diz Zita dividindo sua atenção entre a conversa com a filha e o serviço de limpeza do frango.

Zita pega o corpo do frango depois de tê-lo mergulhado numa água borbulhante e começa a depenar, os lábios da mulher são instintivamente mordidos numa expressão de raiva ou de mero rumor de sobrevivência, como uma leoa atacando sua presa para alimentar seu filhote, Silvana observa aquilo com um olhar de indignação, não pela morte do frango, mas pela subserviência da mãe externada na fala anterior. a progenitora leoa adestrada de poucos traços conciliatórios perpetua o gosto de sangue e carne da manutenção natural, natureza clama pela abstinência do amor do Amor.

Silvana sabe que a subserviência da mulher naquele ambiente é normal, e não é para ela, e com toda rapidez, Zita tira todas as penas, abre a barriga da ave e retira de lá as vísceras e órgãos, a vida que restava da quase carcaça, e a filha calada permanece, com um semblante errante por sobre a conduta da mãe, repito, não aquela, a subserviência. os grandes animais da Terra devoram suas presas há centenas de milhares de anos, carcaças brotam do árido chão carmesim e enevoadado num sol troante mal posto por séculos e séculos no universo intenso cósmico de uma realidade pouco ignorada, longe dali, a menina da cidade, a cidadina ordinária de corpo negro delgado e seios pequenos, bocetinha fechada e cabelos negros, sabe que o mundo não encerra no entre rios, o mundo não é só as Aldeias, o mundo é o mundo, do tamanho do Amor, a mãe, por sua vez, tem aquele mundo por seu universo, e apenas, e apenas aquele cenário verde carmesim de sangue e lágrimas, é a sublimação de um conclusiva ideiação de ponto final, ou apenas de contentamento.

E isso não é apenas sobre dor, também é sobre amor, o amor do Amor. esse chão terroso sangue pó não foi semeado apenas por lágrimas e sangue, mas por amor, o amor do Amor derramado sobre amadores amantes de amável amor amargo.

Eu não concordo com isso, acho que Demá tinha que ter a vida dele, Ah, não, minháfia, dex ess trem pralá, uai, Demá sabe da vida deli, ocê tem qui preocupá cuassua, cusseu curs, deixá ess trem pralá, diz a mãe com um leve sorrisinho, Peguma sacolinhalá pra mim, fazenum favô, é bão quiocê distrai a cabeça. enquanto Silvana levanta-se do tamborete, Zita continua a limpeza da ave, Aondi tem, mãe, Aí dent dessa gaveta du armaru...achô, Peraí...Achei!

Lá vem a mulher da cidade com uma sacolinha de plástico verde na ponta dos dedos entrega à mãe.

Zita pega a sacola e começa a colocar todas as entranhas dentro, e após concluído o serviço, amarra a sacola e direciona-se para a fora da casa, a filha, que observava tudo com uma cara de nojo, vai atrás da mãe, pássaros cantam lá fora, é manhã, mas o sol já castiga, Zita e Silvana vão até uma distância da casa, Silvana para, olhos trancados por causa do sol, mãos verticalmente munidas na frente, observa de uma sombra a leoa levar os restos mortais de sua presa e depositá-los no mato com um lançamento quase olímpico.

Já em Unaí, Demá pensa seriamente a respeito do estado de saúde de Carmo. a partir daquele fatídico dia começara a prestar atenção e constatou o inevitável, o pai já não é mais o homem viril que poderia travar homéricas disputas com gigantescos bois, era o restante daquilo que um dia foi chamado de homem. Bom dia, Seu Zé du Carmu, o sinhô tabãozin, Bom dia, dotô, tô bão, graças a Deus, se reclamá é pió né, É, pó reclamá não, e ocê, Demá, tá bão, tocan muita sanfona, Uai, dotô, tô bão tamén, iu sinhô, Uai, tamaí, né, divez em quandu dá pa dá umas tocada boa, responde Demá ao veterinário, foram conversar sobre o problema da vaca de duas cores. Tá cert, i o que qui us sinhores mandam pra hoji, Uai, nor tamu cuma vaquinha lá qui tá cum pobrema no cascu i nor ficô cum medu dissê um trem mar grave, qui tá fei já u trem, explica Carmo, Uai, sô Zé du Carmu, u sinhô tá cum muita pressa, porque si o sinhô quisé, possí lá hoji vê ess trem pu sinhô depois du almoçu, só vô tê qui atendê um outro caso ali e dá pra gente ir, Não, tô cum muita pressa não, vô tê qui comprá uns trem aqui primeru, Ah, não, intão, tá bom, dá certo então, é o prazu deu atendê eles.

Pai e filho saem da cooperativa, um movimento moderadamente grande se alinha entre um esquadro e outro, os dois homens caminham, um corpulento e massudo homem, um pequeno e frágil corpo seco e preto, ambos queimados de sol, ornamentados por vestes campesinas, botinas, calças de trabalho, canivete embainhado, camisa de botões e algibeira, cheiro de suor de acumulo, olhos trancados por causa do sol fustigante, ambos em silêncio. de repente, o velho começa a se apoiar numa parede de bar, chapisco cor branca na parte de baixo, lisa da metade para cima, cor vinho, a visão escurece, a boca seca, o coração sente...o Amor e a vida sabiam que poderiam esbofeteá-lo, e sabiam que aquele corpo, embora frágil, continuaria aguentando todos aqueles golpes de pé, mas a alma, não, aliás, o anjo mau que vigia os habitantes das Aldeias, aquilo era, sem dúvidas, o problema de sempre, a ancestral maledicência cardíaca.

Uai, pai, quequi foi, o sinhô tá bem, Carmo não consegue responder, está sem ar, quase desfalecendo, as pessoas em volta percebem, Sigur'eli, sigur'ele sent'ele aqui nessa cadera, diz preocupado o dono do bar, Pai, pai, senta aqui ó, Vou pegá um água pa elh bebê, e assim retorna rapidamente o prestativo e barrigudo dono do bar com um copo americano com água.

Demá tenta acalmar o pai, Tá mió, pai, Uai...intervém o velho pai, Tá mió, pai, bébá'água, Carmo desce a água pelo papo, a visão, aos poucos, reestabelece. Tá mió,

Uai, minhas vista dirrepenti iscureceu, igual aquelh dia, Poisé, pai, tô falan pu sinhô qui nor tem quivê ess trem, Já tô mioranu...

Depois de agradecerem o homem dono do bar pela ajuda, os dois homens, pai e filho, levantam-se e vão, após o susto.

Enquanto isso, Zita e os filhos comem, as crianças estão espalhadas pelo chão, pernas abertas e prato no chão, no meio das pernas, a mãe está sentada num tamborete baixo, prato apoiado na mão, Silvana, perto de uma mesa, apoia o prato nela, e todos devoram a presa da leoa. Será qui sôpai mar Demá já almoçô, Ah, com certeza...Mãe, Hum, Será qui si eu chamá Demá pra passar um tempo comigo em Brasília, ele vai, Achu muit difícil, ocê quiria quelh foss cocê, Acho que Demá tinha qui saí um pôco desse lugar, conhecer outra cidade, estudá...Uai, fala cum eli, difícil é sôpai dexá, eli num vai achá bão de jeit ninhum, Demá judelh dimais ni tudu, tiru leiti, cuida dus animal, capina...Silvana escuta a fala da mãe com muita revolta, mas prefere não dizer nada.

Na volta para a casa, no carro do veterinário, os dois homens, pai e filho, veladamente, selam um pacto de silêncio sobre o estado de saúde do mais velho. eles sabem que não há muito o que fazer, que nada pode mudar realmente aquela situação, depois de uma incidência de mortes silenciosas da ascendência de ambos, Carmo não teria um destino diferente, e Demá, de certa forma, sabia que também poderia ser o seu. Chegando na propriedade, Carmo ordena ao filho que traga a vaca de duas cores, Demá, trais ela lá pu dotô vê, o corpulento vaqueiro dispõe-se a buscar o animal, mãe e filhos, que já haviam os recepcionado na chegada, observam de longe.

O veterinário olha o casco com atenção através de seus óculos rebaixados à altura do meio do nariz, Eita sô Zé du Carmu, olha aqui pru sinhô vê, tá apodrecido, se demorasse mais um poquin era pirigosu nem salvá, mais aqui eu vô receitá um antibiótico, é mei carin ess trem, mais u sinhô acha eli fácil, vô até dá o sinhô umas amostra queu tenhu ali no carru logu, e ocês vai observan si ela vai dan cert cum esse remédio, Ta bão, pegu nomi aí, Demá, Não, eu vô dá umas amostra pu sinhô, Ah, intão tá bão, brigadu dotô, méis qui entra eu acertu cum u sinhô, Preocupa não, sô Zé du Carmu, si num miorá cum ess remédio u sinhô mi fala, tamu às ordem...deixa eu chegá lá, Vamu tomá uma café, cumê um trem, vô falá cum Zita pa cuá um café i fazê uns pão di queju pra nós, uai, Precisa não, vô tê qui chegá lá, fica pra próxima.

O veterinário retira as luvas cirúrgicas, aperta a mão de Carmo e depois a mão de Demá, que com a outra afaga o animal, o visitante ainda acena para Silvana, Zita e as crianças que retribuem o gesto, e Zita grita, Vai cum Deus, Deusc'ajuda, Amém, responde o homem.

No dia seguinte, Demá deixa o pai cuidando dos animais, eles já haviam tirado o leite, aquilo já era umas nove da manhã, Silvana estava de pé, o vaqueiro dirige-se à casa a fim de tomar um café e despistar a fome até o repasto. Zita não estava, havia ido levar o item que o marido comprara em Unaí a pedido de Juraci e esquecera de entregar no dia anterior, provavelmente iria conversar com Liete bastante até as duas atrasarem o início do almoço. a moça da cidade observa o irmão preto de sol, e com um tragicômico sedutor olhar de pôr do sol à meia-noite, diz: Cê lembra quando me pedia pra escrever aquelas letras de músicas pra cantá juntu com Elias, Lembriu, diz Demá com um sorriso carinhoso, Cê fazia umas poesias boas, Demá, Poisé, agora num tem tempu pra iscrevê essas musga mais, Pois é...Si você quisé, pode ir passar uns dias comigo lá em Brasília, si você fosse ficar uns dias lá, eu ia te levar numas festas boas, Ah, eu bem qui quiria í, mar num dá pa dexá pai trabaiá aqui sozin não. o brevíssimo sorriso de outrora, acaba de tornar-se um olhar calibrado de medo e incerteza, Silvana percebe, mas não imagina o que seja, por isso prefere não insistir. É, dexeuí lá, pai daqui a pôco dá falta di mim, diz Demá a irmã, colocando copo de sujo de café em cima da mesa, a irmã, por sua vez, observa a cena, pressupondo incomodo, porém não interessa em perguntá-lo do que se tratava.

Demá, ô, Demá, grita alguém na porta de cima, Silvana alcança o irmão que, àquela altura, já estava chegando perto de onde deixara o pai a cuidar dos animais, Demá, Demá, Elias tá ti procuran aqui na porta di cima, o corpulento rapaz, sobrecarregado pela luz do sol cuja cerviz curvada agora olha com olhar trancado para traz, e dá uma meia volta e retorna batendo leveduras de poeira no duro chão seco do cerrado serrado verde carmesim e pastoso em calda alada, e, devagar, paupérrimo palpitante andeja até a cerca, Iaí, boca diégua, insulta à cavalo Elias munido de irônia sarcástica sobre o aterro de sol imaculado que golpeia os olhos briguentos de dor e cegueira, Qui é, Vim pa vê sio cê vai lá ni Jorge hoji dinoiti, Uai, Elias, vou não, vôtê qui judá pai cuns trem aqui, Vam moçu, Vou nada, hoji num vô não. a irmã observa pela varanda a sangria sarau ensolarado de dia dos dois homens e constata que o irmmão não está bem, enquanto observa de longe, olhar trancado de sol vermelho e sangue, leveduras de poeira feitas

pelas patas do cavalo do visitante, os dois encerram a conversa e Elias se despede, e se despede da observadora, que atende ao cumprimento retornando-lhe atenção imediata de comedida e singular educação. Silvana percebe uma singela angústia no olhar de Demá.

Zita percorre o trôpego caminho pela estrada levantando pequenas e auspiciosas leveduras de poeira no tornado ornado carmesim verde cerrado serrado. lenço hermeticamente ataviado na cabeça, leva em sua mão esquerda uma porção de torresmo dado pela vizinha Liete, era do porco que haviam matado alguns dias atrás, pele queimada rosada de sol, cheiro de picumã, e o leve sabor de manhã do cerrado do noroeste, Minas quase Goiás, fronteira chã como a púbis curvilínea da moça da cidade que descobre-lhe a bocetinha guardada através de uma pá singela de paz, chitada talvez, porque não a vi. passa a cerca, direciona-se ao caminho que promove-lhe entrada de casa, a moça da cidade percebe o arrastar dos chinelos, que aliás, estão remendados por baixo, e o “cric” do choque da remenda e do chão batido é ouvido pela atenciosa moça da cidade, e a moça da cidade, que naquele momento estava a planejar ler, fecha o inscrito e o devolve a mala. Bia e Ivan brincam e brigam transtornados de poeira e barro feito, pés empanados de poeira, vestidinho chitado para ela, cuequinha massacrada para ele, cabelo picumã esganado em rabicó verde pálido para ela, cabelo puento raspado para ele.

Zita, imediatamente após chegar, começa no preparo do repasto, assegura de lavar, antes de tudo, copo sujado de café constata em pensamento “Demá tevaqui”, a ligeireza singular na hora de qualquer atividade é significativa para entender o aspecto caseiro daquela senhora, que nunca teve outra opção, além daquela, e isso, isso intriga muito Silvana, que percebe através de sua própria experiência juvenil e anedótica que a vida pode ser mais que o óbvio.

Mas o que era óbvio?

O destino?

A sina?

A maldição?

Os atávicos preceitos substanciais ancestrais?

Silvana, u cumê tá quas pront, chama Ivan mar Bia lá pa vim almoçá, pufavô, Tá, mãe, vô ver se eles estão lá fora, Ês tava lá pert da cerca lá imbaxu,vê cêstá lá, Tá!

Ô, Ivan...Bia..

Diz Silvana descendo próximo a cerca, enquanto isso, pai e filho, roupas típicas do trabalho repletas de carrapicho praticam a tradicional romaria da hora do almoço, pele preta queimada batizada de sol, o pai, corpo seco e enrugado, olhos trancados e chapéu, como olhar ora para frente, ora para o chão, onde observa o duro chão enraizado de sangue ancestral, o filho, corpulento e massudo pronto peito, a áurea subserviente o faz parecer menor que o pai, era a obediência, honrar pai mãe, o primeiro mandamento, o primeiro mandamento com promessa, e a promessa? que seus dias serão longos sobre a Terra, sobre a terra cujo sangue transtornou a poeira, sangue transtornado pela luta, luta transtornada pela dor, dor aumentada pelo amor, amor sufocado pelo Amor, e o Amor?

Qui foooi, Silvana, grita Bia com um semblante de quem estava aprontado, à medida que a irmã mais velha se aproxima, Ivan escancara um cínico sorrisinho safado, Que qui cês tão aprontado aí, Naaaada, dizem os dois em unísono código traquina e pueril, Vamu, mãe tá chamando vocês pra almoçá, os dois largam o que estavam aprontando e correm na frente da irmã, e ela se lembra da infância ao lado do irmão, apesar de ser mais velho, sempre arrumava tempo para fazer as suas vontades, quando, por exemplo, ela queria urucum para fazer um trabalho de escola e o pai estava sem tempo para realizar a vontade, foi Demá quem levou até ela a cor vermelha embriagada de fragor e sutileza da fruta.

Ao chegar, Demá estava se servindo, a mãe acabara de aprontar a pratada do patriarca e as crianças se lavavam para diminuir a poeira para comerem, Zita havia ferventado duas raízes de mandioca e feito o torresmo para a mistura do almoço. Carmo, com o prato apoiado em sua mão, sopra a comida depois de mexer a boca em sua tradicional prece de agradecimento, Demá costura rapidamente o garfo em movimentos ofensivos, as crianças brincam com a boca cheia, Silvana delinea o garfo no prato lentamente e esgravata como uma galinha a superfície do prato e, depois de confirmar que todos estão comendo, Zita prepara-se para comer.

O silêncio persevera...

Silvana parecia inquieta e precisava provocar o pai a ira, lógico que isso não era uma imediatista vontade de seu próprio coração, mas um desejo convicto onírico e utópico idealista de que podia, enfim, vencer aquilo que considerava muito *demo dê*.

Convidei Demá pa í passá uns dias lá em Brasília, na minha casa, mas ele num qué...

O silêncio persevera...

Demá desconversa, Eu bem quiquiria, o difícil dexá pai sozin aqui...

O pai permanece calado.

Pai, será que dava pra liberá Demá, tipumas férias pra ele í lá em casa, diz Silvana, Carmo, por sua vez, permanece calado.

U ruim é qué só es dois né, ameniza Zita, vaticinando a rusga.

O velho Carmo, em uma profusão de sentimentos, brada silenciosamente um grito de silêncio, através de uma expressão facial pouco amigável.

Demá tá precisan é tê mar responsabilidadi, fica nessa saissão diret cum Elias, nessas festa e isqueci du sirviçu, e ocê inda vem cu essis trem de folga, Uai, pai, mar Demá tem qui ter uma folga, onde já se viu, du tanto que ele te ajuda, É mió ocê num ficá colocan trem na cabeça delh não, nem inxirí ondiocê num é chamada, Não, perai, Cala boca, Silvana, mim respeita, ocê vem aqui queren inventá moda depor di tudo quiocê fez, respeita meu bigodi,cê pensa que tá falanu com quem, cum mininu, O que, depois de “tudo o que eu fiz” o que...Chega, Silvana, respeitta sô pai, interrompe Zita, Demá, com a cabeça baixa, nada faz, nada fala, as crianças levam os arregalados olhos de um lado para o outro, assustados com tanta veemência de falas. O almoço termina numa palpitante atmosfera pesada.

O silêncio vence...

Pai e filho voltam, Demá percebe que a força do pai estava indo embora aos poucos de uma forma muito rápida, na verdade, ele foi quem não percebera que o pai já não estava bem há muito tempo. Carmo começa a cuidar dos animais, Demá, ocê vai vê aquela cerca lá imbaxu pert du rii e vê socê cuncert ela pra nós, du vô mexê cum remédi da vaca que o dotô passô, Tá bão, tô inu lá então, possu pegá Guerreru, Pó pegá.

Demá monta calmamente o arreio no lombo rígido e cansado do cavalo, o sol estremece, olhos trancados, tudo verde carmesim, o bruto lombo do homem subverte a ordem das coisas, e o embrutecido sensível corpo massudo sobe no lombo, mãos acariciam a crina, esporas batem na barriga, e Guerreiro pulula leveduras carmesim ante verde salgueiro, assa-peixe branco, pequi, pau ferro, pau tujo, paus, palmeiras, palmo, palma, pomo, olhos trancados.

Na cerca, Demá percebe que o conserto precisa ser feito, e o inicia, diante do escaldante inferno por cima de sua cabeça, e o amor, o amor, o Amor, observa-o e sua nuca preta brilha cheia de suor e as lágrimas quase caem, Guerreiro preso numa sombra de sucupira, uma família de tucanos à esquerda, bem-te-vis cantam alegres, mas o canto de lamento da coruja às três da tarde, revela o presságio ruim, morte sobre o amor, o amor do Amor, o Amor que nunca derramou o amor necessário para seres amáveis, guerra, temor e tremor, tremores nas mãos, sendas tortuosas, bailarinas de algodão brindam saltos por leveduras de poeira vermelha ante ao verde pálido da sucupira, Demá não aguenta, desce um pouco mais a ladeira, repleta de pedras de luto, o vale da sombra da morte, o olhar de meia noite ao meio dia, três e vinte e pouco da tarde, o sol, o inimigo do lombo, o castigador fumegante, o próprio demônio de asas fatigante, o deus dos céus, as lágrimas descem, o jovem senta-se ante ao rio, as águas descem e só se ouve o som gritante do silêncio serrado do Cerrado, o jovem chora, afinal ninguém está ali, pode chorar, “Pode chorar, Valdemar”, autoriza uma voz, a voz do Amor, de súbito, ele arranca suas botas, as lágrimas continuam a descer, tira a camisa, a calça e a cueca, joga o chapéu para o lado, não se importa com mais nada, chega à borda do rio, e tudo parece um tranquilo caos mediúnico, oracular e manifesto em densas sendas tortas carias trevosas nervosas e mórbidas, adentra-se nas águas geladas e o calor do sol, o demônio das quinze horas, já não é mais um grande problema, o urutau brutal anuncia, a dor dos males, dos venenos e dos lares, o Amor abandona o amor e a sede alimenta a alma, o fim está próximo! desnudo torso arrebenta e agita lentamente na água, e chora, como uma criança recém nascida, de volta ao útero da falecida mãe, e é em seu espírito que o jovem Demá é acariciado, o fim está próximo!

Os dias se passam, mais ou menos uns três, e pai e filha, embora haviam se estranhado durante todos esses anos e durante essas férias, não negavam palavra um ao outro, Silvana não queria carregar nenhum remorso na mala, todos acordaram cedo, a moça da cidade vai pegar o ônibus na rodoviária logo cedo, Juraci e Liéti vão fazer novamente os papéis de motoristas, os quase sogros possuem um carinho pela cidadina. a jovem leva suas bagagens ao alpendre, Demá vê a oportunidade de sair daquele lugar, estudar e quem sabe aperfeiçoar seu talento como músico, mas ele sabe que essa não é uma escolha fácil, aliás, em suas condições, essa não é nem uma escolha. Carmo não gosta de despedidas e preferiu manter-se longe da casa desde cedo e a família não se importava, a filha sabia que mesmo diante de tantas diferenças, o pai era o mesmo que colocava ela nos ares quando pequena ao chegar no fim de tarde, Cadê a mininha do papai, qué subí na minha iscada, vem cá, lembrava a filha com carinho da infância, o velho sabe que criou uma grande mulher, mesmo que o medo perturbe-lhe o coração embrutecido e pouco prosaico, arcaico. as crianças despedem-se da irmã, com abraços e beijos, Vem dispidí da irmã suas, diz Zita, depois de agachado para aproveitar melhor o abraço, ela ergue-se para beijar a mãe, Bença, mãezinha, Deusabençoi, vai cum Deus minháfia, bons istudo procê lá em Brasília e quioçê seja muito fêlíz, Amém, dizem mãe e filha em meio à sorrisos e lágrimas, Tchou, Demá, cê num quer ir comigo mesmo, né, Uma hora eu vô lá, Vô ti esperá intão, Podisperá, os dois irmãos se abraçam profundamente, ternamente, um abraço de sangue e de alma, e de espírito, Demá sabia que a vida da irmã não era sua vida e que sua vida não era a vida da irmã, Demá sabia que o pai não duraria para sempre e alguém precisava cuidar daquela família. Silvana entra no carro em meio às torrentes lagrimas e sorrisos graciosos, e o carro testemunha os manifestos louvores verde carmesim da estrada que percorre as duas Aldeias, o sangue ancestral em poeira.

Demá já não é mais o mesmo, pois o início está próximo!